

ECONOMIA

ALÉM DA NOTÍCIA

Clube de Paris

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, inicia, hoje, em Paris, negociações com o conjunto de 16 nações da Europa, mais Estados Unidos e Japão, com vistas à renegociação da dívida brasileira junto aos governos respectivos, no valor de US\$ 2,3 bilhões, correspondendo ao montante vencido desde agosto último e o que vai vencer até 31 de dezembro de 1984. Trata-se de passo importante destinado a complementar o reescalonamento da dívida externa brasileira, depois do arranjo com o Fundo Monetário Internacional — FMI, e o conseqüente acerto com os banqueiros internacionais.

Essas negociações, a nível de Governo, foram precedidas de duas cartas que o Ministro da Fazenda enviou a Jacques Delors, coordenador do Clube de Paris, como é conhecida essa entidade informal de credores governamentais, explicando as razões que levaram o Governo brasileiro a propor o reescalonamento. Na ocasião, foram solicitadas as melhores condições de negociação, ou seja, prazo de nove anos e cinco de carência, para os pagamentos vencidos e vincendos.

Não vemos razões que possam justificar uma frustração da missão que o ministro Galvêas chefia: afinal, o Clube de Paris, tal como os banqueiros, tem sido receptivo a iniciativas similares de outros países em dificuldades em seus pagamentos internacionais, e a única exigência prévia feita diz respeito ao acerto, com o FMI, de um programa de estabilização econômica que seja aceitável pelo "board" do Fundo. Isso já foi feito, tendo-se como certa a aprovação do programa brasileiro na reunião de hoje em Washington.

Por outro lado, a concessão de créditos ao Brasil, através de agências governamentais, sempre veio acompanhada de uma parcela dos chamados "supplies' credits", ou seja, recursos em forma de equipamentos, o que significa desenvolver a indústria local e garantir a manutenção do nível de emprego. Esse tipo de operação tornou-se freqüente sobretudo a partir da segunda metade da década passada, com países como a França, a Inglaterra e o Japão, e viabilizaram alguns projetos importantes no País, sobretudo nos setores de hidreletricidade e de siderurgia.

Evidentemente, quando o Brasil atravessa uma quadra difícil e recorre ao reescalonamento de sua dívida, só poderá receber da parte dos credores um gesto de compreensão e cooperação, sinal não apenas do bom relacionamento político a nível bilateral, como expectativa de novas negociações econômicas no futuro, quando o pior da crise passar e o País retomar o seu crescimento. E a prova disso é que, embora o Clube de Paris ainda não haja se manifestado coletivamente, alguns países europeus, como a França e a Espanha e outro credor importante como o Japão, já fizeram saber ao Governo brasileiro sua disposição em cooperar.

MILANO LOPES